

Capitalismo eletrônico: a mídia de *trade* e o modo da informação financeira no capitalismo avançado.

Capitalismo electrónico: los medios de comunicación de *trade* y el modo de la información financiera en el capitalismo avanzado.

Electronic capitalism: the trade media and the financial information mode of late capitalism.

Homero Vianna de Paula Sobrinho

Mestre em Ciência da Informação (UFRJ-ECO/IBICT)
Contato: operaweb@terra.com.br

Submetido: 21/08/2016

Aprovado: 14/10/2016



Resumo:

Os movimentos do capital dependem de forma crescente dos sistemas eletrônicos de informação e comunicação. Este artigo examina um grupo central de agências de notícias especializadas em mecanismos chave para o fluxo internacional de títulos mobiliários, cujas funções endógenas à esfera financeira combinam tecnologias especializadas de informação e comunicação de negócios em bolsas. Essa forma de mediação incorpora informação valorizante aos mecanismos de agenciamento da informação. A mídia de *trade* é um mecanismo chave para a modulação política e simbólica das operações valorativas nas práticas econômicas, uma função essencial para os modos de acumulação do capitalismo financeiro avançado.

Palavras chave: mídia financeira, agências de notícias, convergência tecnológica, modo de informação, biocapitalismo.

Resumen:

Los movimientos del capital dependen de forma creciente de los sistemas electrónicos de información y comunicación. Este artículo examina un grupo central de agencias de noticias especializadas en mecanismo clave para el flujo internacional de títulos mobiliarios. Desempeñan funciones endógenas a la esfera financiera con la combinación de tecnologías especializadas en información e comunicación de negocios en bolsas. Esta forma de mediación incorpora información valorizante a los mecanismos de agencia de información. Los medios de comunicación de *trade* son un mecanismo clave para la modulación política y simbólica en las operaciones valorativas en las practicas económicas, una función esencial para los modos de acumulación del capitalismo financiero avanzado.

Palabras clave: medios de comunicación, agencias de noticias, convergencia tecnológica, modo de información; biocapitalismo;

Abstract:

The movements of capital increasingly depend on electronic information and communication systems. This article examines a core group of news agencies specialized in key mechanisms for the international flow of securities. They perform endogenous functions in the financial system by combining specialized information technology for trade in stock exchanges. This mode of information incorporates valorizing information to the agency services. The trade media is key mechanism for the political and symbolic modulation of economic practices, an essential function for the accumulation modes of late financial capitalism.

Keywords: media studies, financial news agencies, technological convergence, mode of information, biocapitalism

1 Entre as diferentes definições do verbete *Trade* no *Dicionário de Termos Financeiros e de Investimento* (DOWNES; GOODMAN, 1993), encontra-se uma específica para as negociações de títulos em bolsas: “uma negociação de compra ou venda de valores mobiliários, títulos de dívida ou contrato futuro de commodity”. Uma negociação é consumada quando um comprador ou vendedor concorda com um preço pelo qual a negociação será realizada. Um negociador (*Trader*) frequentemente compra e vende para sua própria conta de valores mobiliários para obter lucros a curto prazo, em contraste com um investidor que mantém suas posições na expectativa de ganhos de longo prazo (DOWNES; GOODMAN, 1993, p.586).

2 Todas as citações originalmente em língua estrangeira têm nossa tradução, exceto aquelas que têm outro tradutor identificado nas Referências.

Introdução

Os movimentos do capital dependem de forma crescente dos sistemas eletrônicos de informação e comunicação (MARAZZI, 2008, p.16). Este artigo examina um grupo central de agências de notícias especializadas em mecanismos chave do fluxo internacional de negociações em bolsas de valores. Essas agências são também caracterizadas como “organizações de notícias financeiras em tempo-real” (FUNDING UNIVERSE, 2002), que coletam, produzem, organizam, estocam e distribuem informação essencial para o funcionamento coordenado dos mercados financeiros mundiais. Tal forma de informação está voltada para as decisões de compra e venda de títulos em mercados financeiros, operações que transitam por uma infraestrutura global de informação e comunicação organizada por dispositivos de codificação e organização do conhecimento (OC). Essas agências desempenham funções endógenas à esfera financeira, e se distinguem por combinar plataformas tecnológicas especializadas voltadas para as transações eletrônicas de títulos – ações, obrigações, opções e commodities, etc.. A informação de *trade*¹ (negociação) é composta por práticas e tecnologias que integram elementos heterodoxos: sistemas, padrões, serviços, etc. e se distingue da informação financeira em geral, pois essa denota um segmento da informação econômica, enquanto aquela envolve práticas, tecnologias e discursos específicos das negociações de títulos mediadas por plataformas de cálculo e processos eletrônicos de comunicação, um dispositivo social que faz crer e faz fazer, em um espaço/tempo próprio: aquele do mercado global de negociação de títulos mobiliários (SASSEN, 2011, p.162). As transformações do “modo de informação” são evidências dos processos de transformação sociotécnica, de desterritorialização e de constituição de novos instrumentos políticos. O conceito de “modo de informação” foi proposto por Poster (1985, p.164) para designar uma nova “experiência linguística” que emerge ao longo do século XX, quando os sistemas de comunicação se tornaram instituições chave, de forma tão evidente quanto as instituições de produção e de distribuição.² Esse ponto de vista realça a transformação dramática do capitalismo industrial quando a criação, a transformação e a movimentação de informação se torna o objetivo mais importante das novas tecnologias introduzidas na economia (POSTER, 1985, p.53).

O objetivo central, neste estudo no campo da Ciência da Informação, é examinar um dispositivo, composto por práticas e tecnologias de informação, característico do capitalismo avançado. Para isso, debruçou-se sobre o conjunto peculiar de produtos e serviços especializados em informação e comunicação de transações em mercados financeiros interligados eletronicamente. A partir de uma visão crítica se busca uma discussão preliminar sobre um objeto ainda pouco estudado na especificidade abordada. O objeto composto por práticas de informação e novas tecnologias se constitui a partir das formas de mediação simbólica e estrutural operadas por empresas historicamente centrais do sistema – a Reuters, a Dow Jones e a Bloomberg. A ambivalência do conceito de informação, como

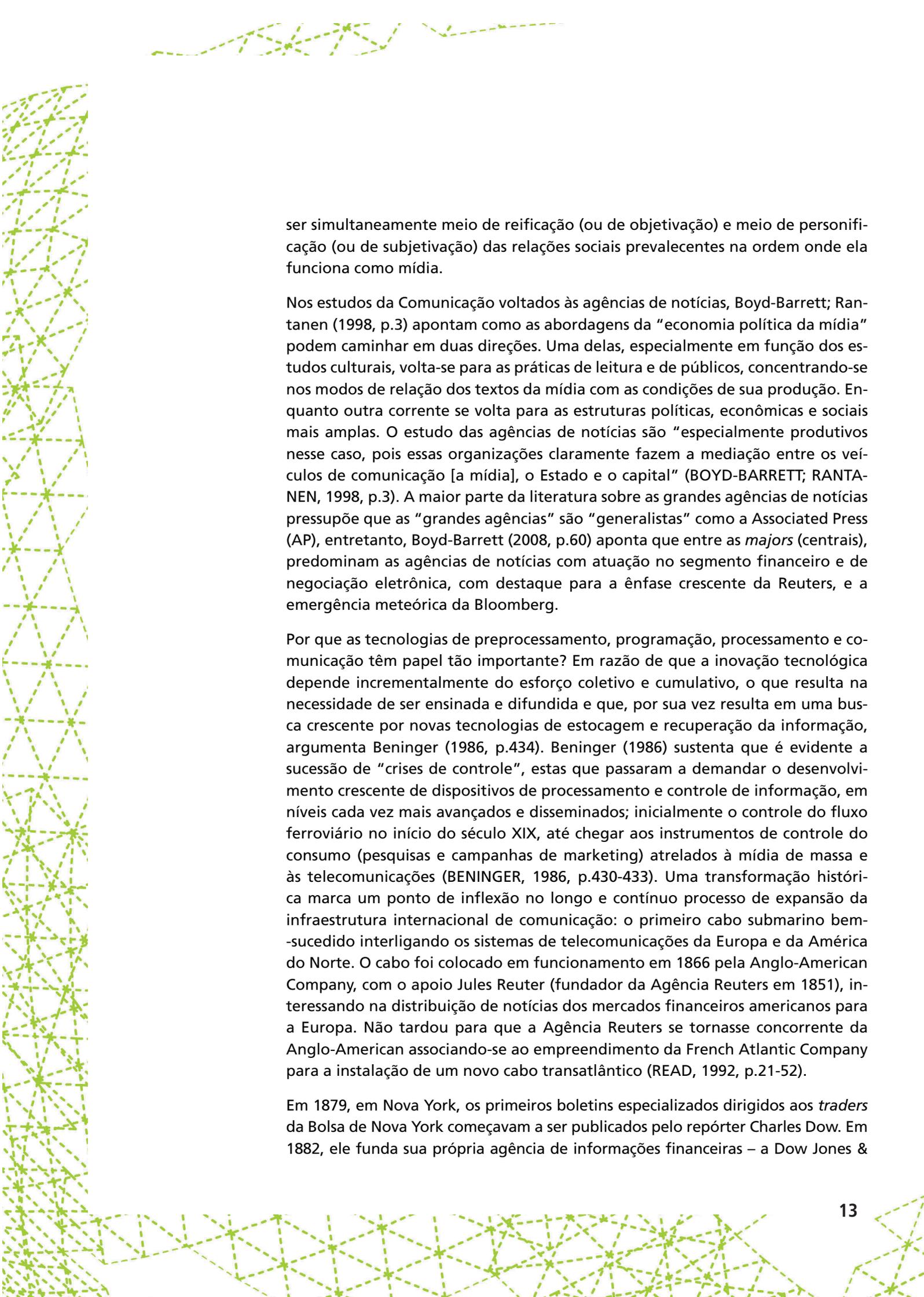


recurso (BUCKLAND, 1991) e como relação essencialmente humana (CAPURRO; HJORLAND, 2007), permite articular três dimensões fundamentais do fenômeno informacional: a mediação político/simbólica, as estruturas de organização do conhecimento e a infraestrutura eletrônica de comunicação. Como argumenta Theret (1991, p.15), se há separação da economia e da política, há necessariamente “a instituição de uma mediação funcional entre elas que toma feito de prática simbólica”; como na explicação de De Certeau, “o simbólico institui o real sob duas formas: faz fazer e faz olvidar”. Faz crer e, através disso, faz fazer, e, assim, institui o silêncio a propósito do que omite. O simbólico hierarquiza as práticas sociais, valorizando umas e desvalorizando outras (THERET, 1991, p.25 nota 41). A passagem das coisas aos homens graças à mediação simbólica é uma operação que transforma fluxos em estoques (THERET, 1991, p.28).

O presente artigo se organiza em quatro movimentos: (i) a articulação de um quadro geral da economia política da mídia de *trade*, práticas e tecnologias que conformam o sistema de transações de mercados eletrônicos; (ii) um exame das linhas constitutivas do regime de informação de *trade* para a articulação de dispositivos heterodoxos (sistemas, padrões, serviços, discursos, etc.); (iii) uma discussão preliminar sobre a dimensão do político na economia da informação de *trade* no contexto do capitalismo avançado, especialmente as estratégias de convergência, abrangência e capilaridade.; (iv) conclusões preliminares.

A economia política da mídia de *trade*

Como demonstrou Theret (1991), em sua discussão sobre a interação entre o econômico e o político, tanto na ordem econômica quanto na ordem política há dois níveis de práticas, mais ou menos separadas institucionalmente de acordo com a fase histórica (THERET, 1991, p.16): “Não há ordem econômica sem política interna, nem ordem política sem economia interna”. No econômico, as relações entre homens são monetizadas e “convertidas” em relações dos homens com as coisas, sendo os serviços assimilados a bens. No político, as relações dos homens com as coisas são, ao inverso, juridicizadas e “convertidas” em relações dos homens entre eles, e a produção não mercantil de bens é reduzida a uma produção de serviços (THERET, 1991, p.21). Para que a relação social exista e se reproduza - quer como relação econômica, quer como relação política - é preciso que ela passe por uma forma mediada simbólica, que funciona como duplo representante - representante político das práticas econômicas e representante econômico das práticas políticas (THERET, 1991, p.25). A mediação simbólica é dotada de uma dupla função: de colocação em circulação (comunicação) e de colocação em reserva (incorporação e/ou institucionalização) dos valores. “Ela [a mediação simbólica] é um operador não somente de comunicação, mas também de capitalização” (THERET, 1991, p.28). O valor próprio da mediação simbólica reside em sua capacidade de

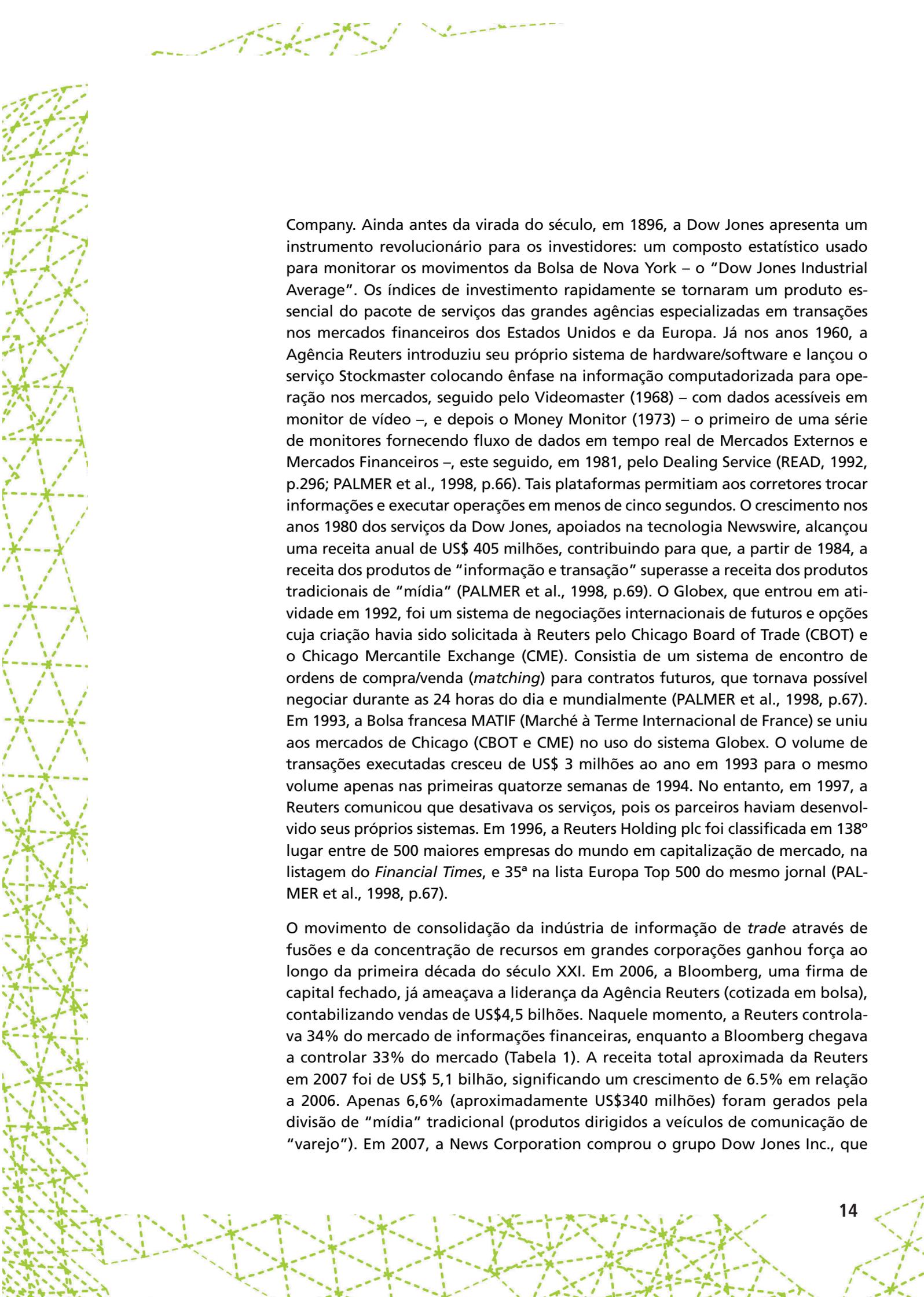


ser simultaneamente meio de reificação (ou de objetivação) e meio de personificação (ou de subjetivação) das relações sociais prevalentes na ordem onde ela funciona como mídia.

Nos estudos da Comunicação voltados às agências de notícias, Boyd-Barrett; Rantanen (1998, p.3) apontam como as abordagens da “economia política da mídia” podem caminhar em duas direções. Uma delas, especialmente em função dos estudos culturais, volta-se para as práticas de leitura e de públicos, concentrando-se nos modos de relação dos textos da mídia com as condições de sua produção. Enquanto outra corrente se volta para as estruturas políticas, econômicas e sociais mais amplas. O estudo das agências de notícias são “especialmente produtivos nesse caso, pois essas organizações claramente fazem a mediação entre os veículos de comunicação [a mídia], o Estado e o capital” (BOYD-BARRETT; RANTANEN, 1998, p.3). A maior parte da literatura sobre as grandes agências de notícias pressupõe que as “grandes agências” são “generalistas” como a Associated Press (AP), entretanto, Boyd-Barrett (2008, p.60) aponta que entre as *majors* (centrais), predominam as agências de notícias com atuação no segmento financeiro e de negociação eletrônica, com destaque para a ênfase crescente da Reuters, e a emergência meteórica da Bloomberg.

Por que as tecnologias de pré-processamento, programação, processamento e comunicação têm papel tão importante? Em razão de que a inovação tecnológica depende incrementalmente do esforço coletivo e cumulativo, o que resulta na necessidade de ser ensinada e difundida e que, por sua vez resulta em uma busca crescente por novas tecnologias de estocagem e recuperação da informação, argumenta Beninger (1986, p.434). Beninger (1986) sustenta que é evidente a sucessão de “crises de controle”, estas que passaram a demandar o desenvolvimento crescente de dispositivos de processamento e controle de informação, em níveis cada vez mais avançados e disseminados; inicialmente o controle do fluxo ferroviário no início do século XIX, até chegar aos instrumentos de controle do consumo (pesquisas e campanhas de marketing) atrelados à mídia de massa e às telecomunicações (BENINGER, 1986, p.430-433). Uma transformação histórica marca um ponto de inflexão no longo e contínuo processo de expansão da infraestrutura internacional de comunicação: o primeiro cabo submarino bem-sucedido interligando os sistemas de telecomunicações da Europa e da América do Norte. O cabo foi colocado em funcionamento em 1866 pela Anglo-American Company, com o apoio Jules Reuter (fundador da Agência Reuters em 1851), interessando na distribuição de notícias dos mercados financeiros americanos para a Europa. Não tardou para que a Agência Reuters se tornasse concorrente da Anglo-American associando-se ao empreendimento da French Atlantic Company para a instalação de um novo cabo transatlântico (READ, 1992, p.21-52).

Em 1879, em Nova York, os primeiros boletins especializados dirigidos aos *traders* da Bolsa de Nova York começavam a ser publicados pelo repórter Charles Dow. Em 1882, ele funda sua própria agência de informações financeiras – a Dow Jones &



Company. Ainda antes da virada do século, em 1896, a Dow Jones apresenta um instrumento revolucionário para os investidores: um composto estatístico usado para monitorar os movimentos da Bolsa de Nova York – o “Dow Jones Industrial Average”. Os índices de investimento rapidamente se tornaram um produto essencial do pacote de serviços das grandes agências especializadas em transações nos mercados financeiros dos Estados Unidos e da Europa. Já nos anos 1960, a Agência Reuters introduziu seu próprio sistema de hardware/software e lançou o serviço Stockmaster colocando ênfase na informação computadorizada para operação nos mercados, seguido pelo Videomaster (1968) – com dados acessíveis em monitor de vídeo –, e depois o Money Monitor (1973) – o primeiro de uma série de monitores fornecendo fluxo de dados em tempo real de Mercados Externos e Mercados Financeiros –, este seguido, em 1981, pelo Dealing Service (READ, 1992, p.296; PALMER et al., 1998, p.66). Tais plataformas permitiam aos corretores trocar informações e executar operações em menos de cinco segundos. O crescimento nos anos 1980 dos serviços da Dow Jones, apoiados na tecnologia Newswire, alcançou uma receita anual de US\$ 405 milhões, contribuindo para que, a partir de 1984, a receita dos produtos de “informação e transação” superasse a receita dos produtos tradicionais de “mídia” (PALMER et al., 1998, p.69). O Globex, que entrou em atividade em 1992, foi um sistema de negociações internacionais de futuros e opções cuja criação havia sido solicitada à Reuters pelo Chicago Board of Trade (CBOT) e o Chicago Mercantile Exchange (CME). Consistia de um sistema de encontro de ordens de compra/venda (*matching*) para contratos futuros, que tornava possível negociar durante as 24 horas do dia e mundialmente (PALMER et al., 1998, p.67). Em 1993, a Bolsa francesa MATIF (Marché à Terme International de France) se uniu aos mercados de Chicago (CBOT e CME) no uso do sistema Globex. O volume de transações executadas cresceu de US\$ 3 milhões ao ano em 1993 para o mesmo volume apenas nas primeiras quatorze semanas de 1994. No entanto, em 1997, a Reuters comunicou que desativava os serviços, pois os parceiros haviam desenvolvido seus próprios sistemas. Em 1996, a Reuters Holding plc foi classificada em 138º lugar entre de 500 maiores empresas do mundo em capitalização de mercado, na listagem do *Financial Times*, e 35ª na lista Europa Top 500 do mesmo jornal (PALMER et al., 1998, p.67).

O movimento de consolidação da indústria de informação de *trade* através de fusões e da concentração de recursos em grandes corporações ganhou força ao longo da primeira década do século XXI. Em 2006, a Bloomberg, uma firma de capital fechado, já ameaçava a liderança da Agência Reuters (cotizada em bolsa), contabilizando vendas de US\$4,5 bilhões. Naquele momento, a Reuters controlava 34% do mercado de informações financeiras, enquanto a Bloomberg chegava a controlar 33% do mercado (Tabela 1). A receita total aproximada da Reuters em 2007 foi de US\$ 5,1 bilhão, significando um crescimento de 6.5% em relação a 2006. Apenas 6,6% (aproximadamente US\$340 milhões) foram gerados pela divisão de “mídia” tradicional (produtos dirigidos a veículos de comunicação de “varejo”). Em 2007, a News Corporation comprou o grupo Dow Jones Inc., que

passou a ser uma divisão do conglomerado de mídia. No mesmo ano, houve a fusão da Reuters com a Thomson Corporation, que passou a deter 53% do controle da empresa e movimentou a cifra de US\$17.2 Bilhões. Pela primeira vez na história das notícias, as quatro agências mais ricas no mundo – a Associated Press, a Bloomberg, a Dow Jones e a Reuters – eram controladas por empresas sediadas apenas nos EUA e Canadá (BOYD-BARRETT, 2008, p.60), entre elas, três eram especializadas em informações financeiras. As categorias de “atacadistas” ou “globais” para diferenciação entre as principais agências perdeu sentido (BOYD-BARRETT, 2008, p.60). Isso decorre da combinação das operações de geração, distribuição (atacado) e de mídia (veículos), concomitante à expansão mundial das organizações centrais.

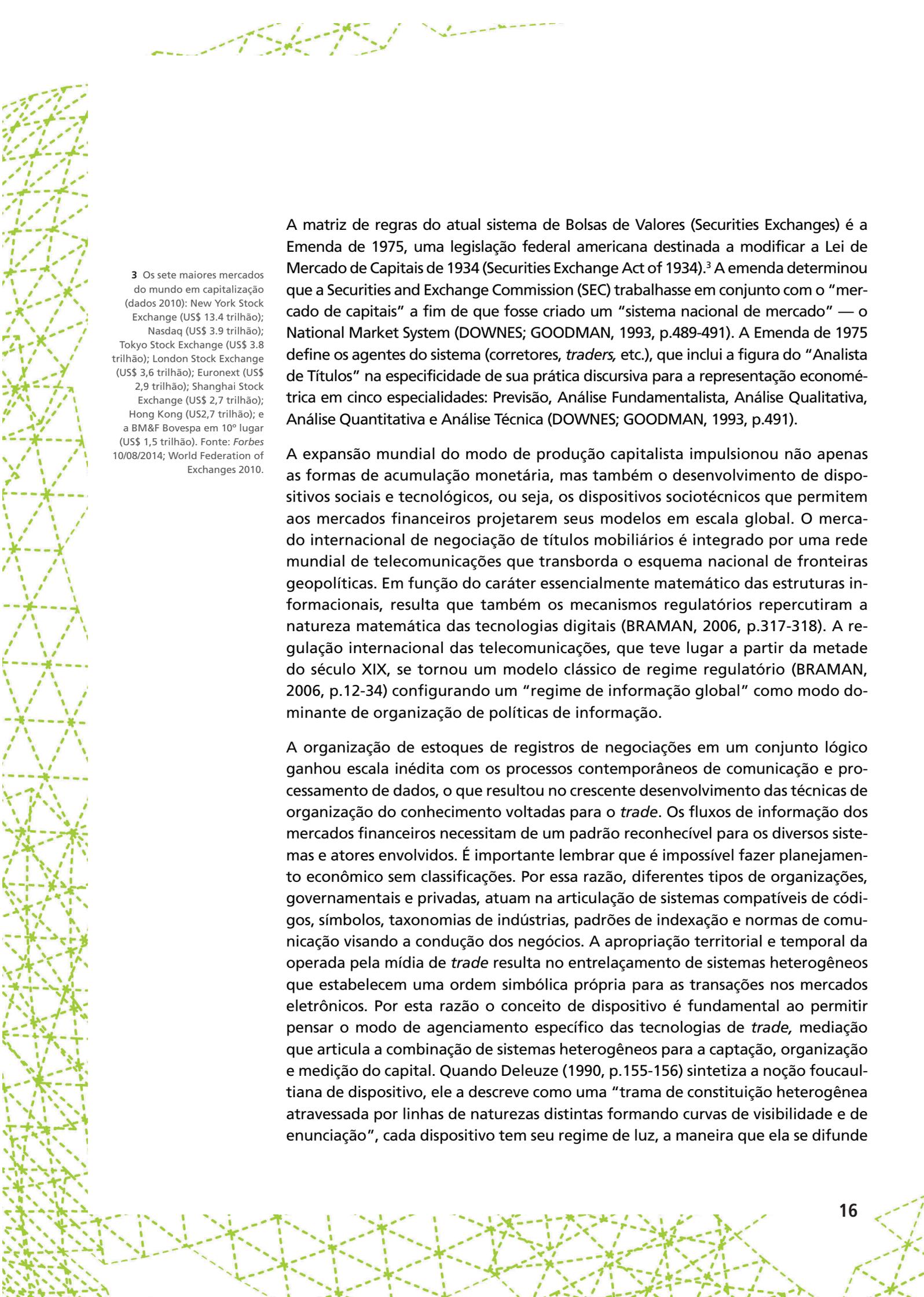
TABELA 1 – COMPARAÇÃO ENTRE CONCORRENTES DIRETAS (2013/2014)

	Fundação	Mkt Share (2011)	Receita (2013)	Nº de escritórios	Nº de funcionários
Reuters (Thomson Corp.)	1851	30%	US\$ 12,7 B	200	57.800
Dow Jones Inc. (News Corp.)	1882	1,5%	N/A	85	2.100 (jornalistas)
Bloomberg L. P.	1992	30%	US\$ 7,9 B	150	15.000

Fonte: Adaptado de Forbes; Interactive Data, Lionshares; Thomson Reuters Fundamentals and Worldscope Via Factset; Bloomberg; Eikon; The Economist, 2014

O regime de informação de *trade*

O conceito de regime é a ferramenta teórica que permite a articulação de uma pluralidade de atores em um quadro único coerente, combinados através das “interações específicas das ações, meios e efeitos de informação, que perpassam as esferas da cultura, da economia, da educação, da comunicação, da pesquisa científica e da vida cotidiana” (GONZALEZ DE GÓMEZ, 2012, p.44). Nesta seção procuramos delimitar os sujeitos, as organizações, as regras, as autoridades informacionais, os meios e recursos preferenciais da informação de *trade*, assim como os “padrões de excelência e os modelos de sua organização, interação e distribuição” (GONZALEZ DE GOMEZ, 2003, p.43), para lançar luz sobre a especificidade do regime de informação de *trade*. Lembrando que os sistemas monetário e jurídico, como demonstrou Theret (1991, p.34), “não são somente estruturados por formas funcionais, assegurando tendencialmente a reprodução do econômico e do político, eles são também subsistemas mistos, ambivalentes”, mediados pela ordem simbólica, de tal forma que as duas lógicas, do econômico e do político, se confrontam permanentemente.

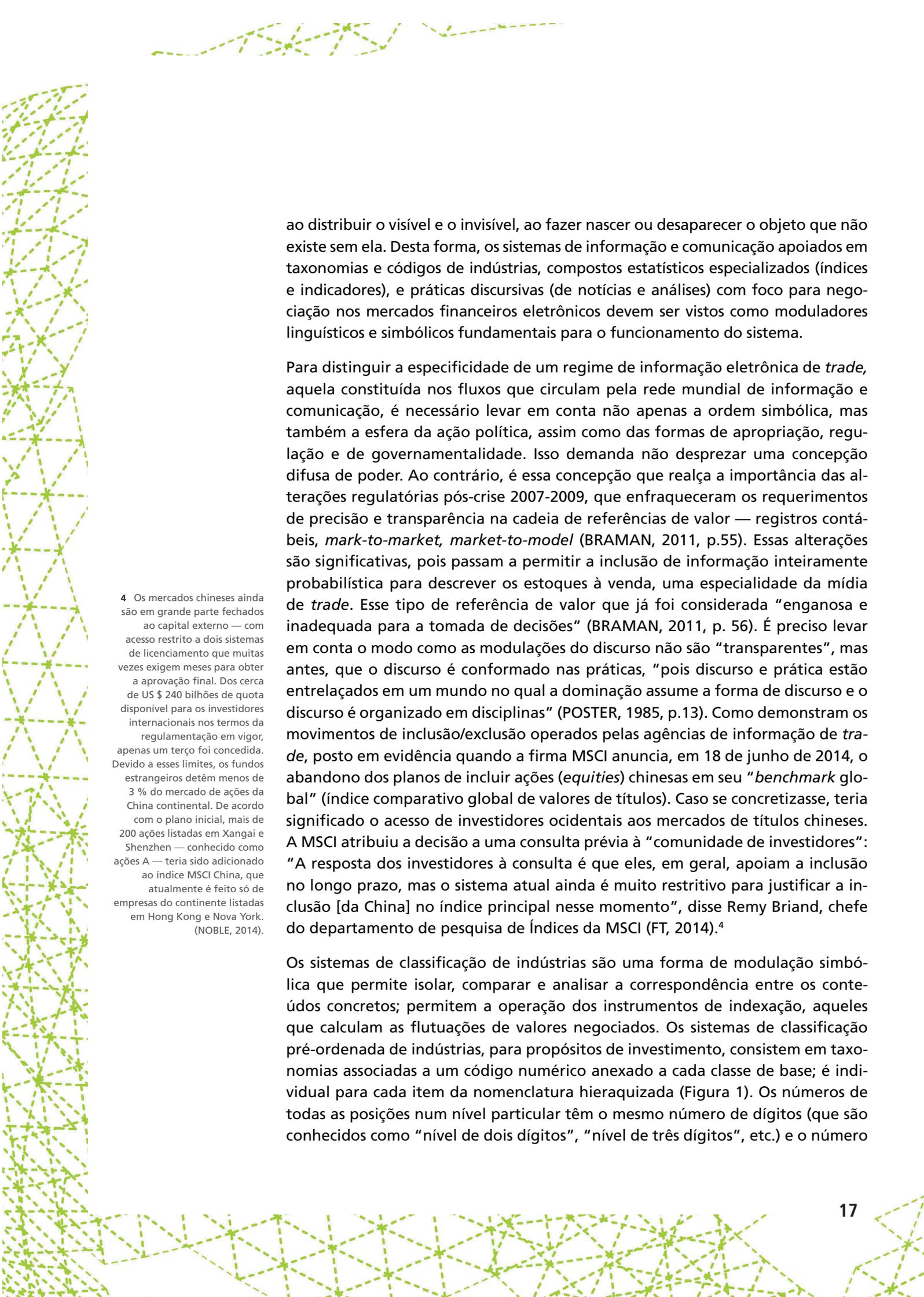


3 Os sete maiores mercados do mundo em capitalização (dados 2010): New York Stock Exchange (US\$ 13,4 trilhão); Nasdaq (US\$ 3,9 trilhão); Tokyo Stock Exchange (US\$ 3,8 trilhão); London Stock Exchange (US\$ 3,6 trilhão); Euronext (US\$ 2,9 trilhão); Shanghai Stock Exchange (US\$ 2,7 trilhão); Hong Kong (US\$ 2,7 trilhão); e a BM&F Bovespa em 10º lugar (US\$ 1,5 trilhão). Fonte: *Forbes* 10/08/2014; World Federation of Exchanges 2010.

A matriz de regras do atual sistema de Bolsas de Valores (Securities Exchanges) é a Emenda de 1975, uma legislação federal americana destinada a modificar a Lei de Mercado de Capitais de 1934 (Securities Exchange Act of 1934).³ A emenda determinou que a Securities and Exchange Commission (SEC) trabalhasse em conjunto com o “mercado de capitais” a fim de que fosse criado um “sistema nacional de mercado” — o National Market System (DOWNES; GOODMAN, 1993, p.489-491). A Emenda de 1975 define os agentes do sistema (corretores, *traders*, etc.), que inclui a figura do “Analista de Títulos” na especificidade de sua prática discursiva para a representação econômica em cinco especialidades: Previsão, Análise Fundamentalista, Análise Qualitativa, Análise Quantitativa e Análise Técnica (DOWNES; GOODMAN, 1993, p.491).

A expansão mundial do modo de produção capitalista impulsionou não apenas as formas de acumulação monetária, mas também o desenvolvimento de dispositivos sociais e tecnológicos, ou seja, os dispositivos sociotécnicos que permitem aos mercados financeiros projetarem seus modelos em escala global. O mercado internacional de negociação de títulos mobiliários é integrado por uma rede mundial de telecomunicações que transborda o esquema nacional de fronteiras geopolíticas. Em função do caráter essencialmente matemático das estruturas informacionais, resulta que também os mecanismos regulatórios repercutiram a natureza matemática das tecnologias digitais (BRAMAN, 2006, p.317-318). A regulação internacional das telecomunicações, que teve lugar a partir da metade do século XIX, se tornou um modelo clássico de regime regulatório (BRAMAN, 2006, p.12-34) configurando um “regime de informação global” como modo dominante de organização de políticas de informação.

A organização de estoques de registros de negociações em um conjunto lógico ganhou escala inédita com os processos contemporâneos de comunicação e processamento de dados, o que resultou no crescente desenvolvimento das técnicas de organização do conhecimento voltadas para o *trade*. Os fluxos de informação dos mercados financeiros necessitam de um padrão reconhecível para os diversos sistemas e atores envolvidos. É importante lembrar que é impossível fazer planejamento econômico sem classificações. Por essa razão, diferentes tipos de organizações, governamentais e privadas, atuam na articulação de sistemas compatíveis de códigos, símbolos, taxonomias de indústrias, padrões de indexação e normas de comunicação visando a condução dos negócios. A apropriação territorial e temporal da operada pela mídia de *trade* resulta no entrelaçamento de sistemas heterogêneos que estabelecem uma ordem simbólica própria para as transações nos mercados eletrônicos. Por esta razão o conceito de dispositivo é fundamental ao permitir pensar o modo de agenciamento específico das tecnologias de *trade*, mediação que articula a combinação de sistemas heterogêneos para a captação, organização e medição do capital. Quando Deleuze (1990, p.155-156) sintetiza a noção foucaultiana de dispositivo, ele a descreve como uma “trama de constituição heterogênea atravessada por linhas de naturezas distintas formando curvas de visibilidade e de enunciação”, cada dispositivo tem seu regime de luz, a maneira que ela se difunde



4 Os mercados chineses ainda são em grande parte fechados ao capital externo — com acesso restrito a dois sistemas de licenciamento que muitas vezes exigem meses para obter a aprovação final. Dos cerca de US \$ 240 bilhões de quota disponível para os investidores internacionais nos termos da regulamentação em vigor, apenas um terço foi concedida. Devido a esses limites, os fundos estrangeiros detêm menos de 3 % do mercado de ações da China continental. De acordo com o plano inicial, mais de 200 ações listadas em Xangai e Shenzhen — conhecido como ações A — teria sido adicionado ao índice MSCI China, que atualmente é feito só de empresas do continente listadas em Hong Kong e Nova York. (NOBLE, 2014).

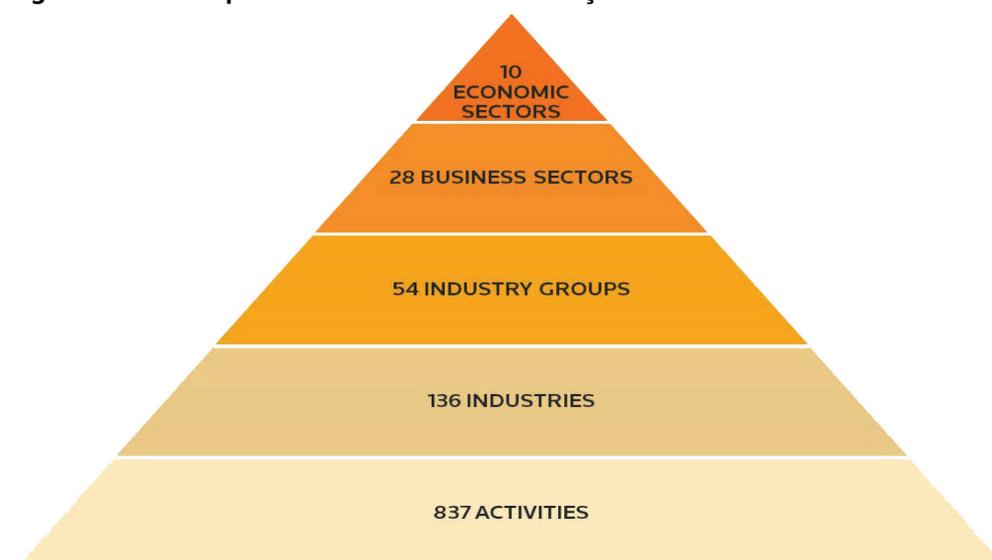
ao distribuir o visível e o invisível, ao fazer nascer ou desaparecer o objeto que não existe sem ela. Desta forma, os sistemas de informação e comunicação apoiados em taxonomias e códigos de indústrias, compostos estatísticos especializados (índices e indicadores), e práticas discursivas (de notícias e análises) com foco para negociação nos mercados financeiros eletrônicos devem ser vistos como moduladores linguísticos e simbólicos fundamentais para o funcionamento do sistema.

Para distinguir a especificidade de um regime de informação eletrônica de *trade*, aquela constituída nos fluxos que circulam pela rede mundial de informação e comunicação, é necessário levar em conta não apenas a ordem simbólica, mas também a esfera da ação política, assim como das formas de apropriação, regulação e de governamentalidade. Isso demanda não desprezar uma concepção difusa de poder. Ao contrário, é essa concepção que realça a importância das alterações regulatórias pós-crise 2007-2009, que enfraqueceram os requerimentos de precisão e transparência na cadeia de referências de valor — registros contábeis, *mark-to-market*, *market-to-model* (BRAMAN, 2011, p.55). Essas alterações são significativas, pois passam a permitir a inclusão de informação inteiramente probabilística para descrever os estoques à venda, uma especialidade da mídia de *trade*. Esse tipo de referência de valor que já foi considerada “enganosa e inadequada para a tomada de decisões” (BRAMAN, 2011, p. 56). É preciso levar em conta o modo como as modulações do discurso não são “transparentes”, mas antes, que o discurso é conformado nas práticas, “pois discurso e prática estão entrelaçados em um mundo no qual a dominação assume a forma de discurso e o discurso é organizado em disciplinas” (POSTER, 1985, p.13). Como demonstram os movimentos de inclusão/exclusão operados pelas agências de informação de *trade*, posto em evidência quando a firma MSCI anuncia, em 18 de junho de 2014, o abandono dos planos de incluir ações (*equities*) chinesas em seu “*benchmark global*” (índice comparativo global de valores de títulos). Caso se concretizasse, teria significado o acesso de investidores ocidentais aos mercados de títulos chineses. A MSCI atribuiu a decisão a uma consulta prévia à “comunidade de investidores”: “A resposta dos investidores à consulta é que eles, em geral, apoiam a inclusão no longo prazo, mas o sistema atual ainda é muito restritivo para justificar a inclusão [da China] no índice principal nesse momento”, disse Remy Briand, chefe do departamento de pesquisa de Índices da MSCI (FT, 2014).⁴

Os sistemas de classificação de indústrias são uma forma de modulação simbólica que permite isolar, comparar e analisar a correspondência entre os conteúdos concretos; permitem a operação dos instrumentos de indexação, aqueles que calculam as flutuações de valores negociados. Os sistemas de classificação pré-ordenada de indústrias, para propósitos de investimento, consistem em taxonomias associadas a um código numérico anexado a cada classe de base; é individual para cada item da nomenclatura hierarquizada (Figura 1). Os números de todas as posições num nível particular têm o mesmo número de dígitos (que são conhecidos como “nível de dois dígitos”, “nível de três dígitos”, etc.) e o número

de cada “item” identifica o próprio item e os agrupamentos contidos no nível superior. Entretanto, as técnicas de organização de estoques de informação em hierarquias-únicas (*single-hierarquies*), assim qualquer sistema de classificação pré-ordenada, são também “instrumentos de controle cultural e ideológico, pois configuram a expressão de uma perspectiva única e privilegia de certo domínio do conhecimento” (LAMBE, 2015, p.450).

Figura 1 – Hierarquia taxonômica da classificação de indústrias TRBC



Fonte: TRBC, 2015.

As taxonomias de indústrias representam diversos objetivos práticos e teóricos. Algumas taxonomias são originárias da teoria econômica neoclássica, outras das teorias da administração baseada em recursos, enquanto algumas visam organizar estatísticas de governo, ou mesmo expressam objetivos de regulação, e há também aquelas que são utilizadas na estruturação de pesquisas de marketing. Entre as principais taxonomias usadas nos mercados financeiros, encontra-se a TRBC – Thomson Reuters Business Classification (Tabela 2).⁵ Outro sistema de grande difusão é o GICS – Global Industry Classification Standard (atualmente uma divisão da MacGraw Hill), que teve origem em uma parceria entre a Morgan Stanley e a Standart and Poor’s (MSCI), enquanto o ICB – Industry Classification Benchmark foi desenvolvido pelo Frankfurt Stock Exchange (FTSE). O North American International Classification System - NAICS é usado pelo departamento de comércio dos EUA, México e Canadá. A ONU também tem sua taxonomia, assim como países individuais.

⁵ A TRBC é um serviço de classificação composto por 70.000 empresas de capital aberto em 130 países, com um banco de dados de 10 anos de classificações (TRBC, 2015).

TABELA 2 – TAMANHO DO UNIVERSO DE AÇÕES POR SISTEMA DE CLASSIFICAÇÃO

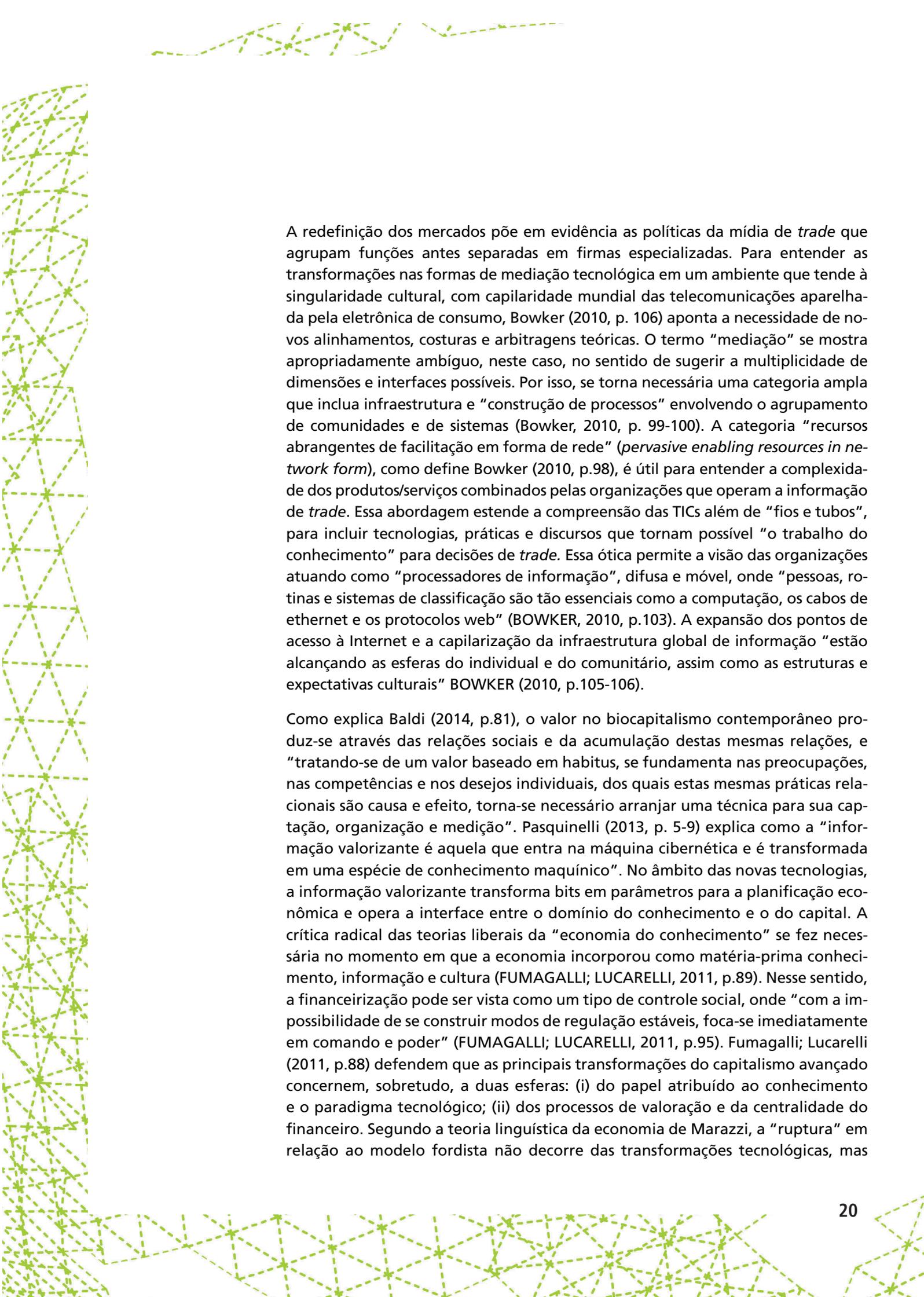
Sistema de Classificação	Número de Títulos (ações)
TRBC	74.000
GICS	44.000
ICB	69.000

Fonte: JOURNAL OF INDEXES, 2011; Thomson Reuters, MSCI e Dow Jones

As taxonomias de classificação de indústrias, na verdade, não representam certo conteúdo informacional “neutro”, resultam de uma estrutura classificatória subjacente condicionante do sistema de gestão do conteúdo informacional (GUIBERT et al., 1971). Sistemas de classificação não são apenas instrumentos de “recuperação da informação”, mas, sobretudo, instrumentos de “arranjo de coleções”, embora sejam sistemas de conceitos (BATISTA, 2004, p.7). Os processos e eletrônicos de informação associados às novas tecnologias de classificação documental tornaram possível uma nova experiência da informação baseadas em instrumentos de organização do conhecimento (OC), ao qual se aplica a caracterização de Pombo (s.d., p.13), para o processo documental contemporâneo: “um conjunto de catálogos informatizados e interligados em rede com base em uma linguagem documental artificial, centros de documentação de caráter nacional, internacional e enciclopédico”.

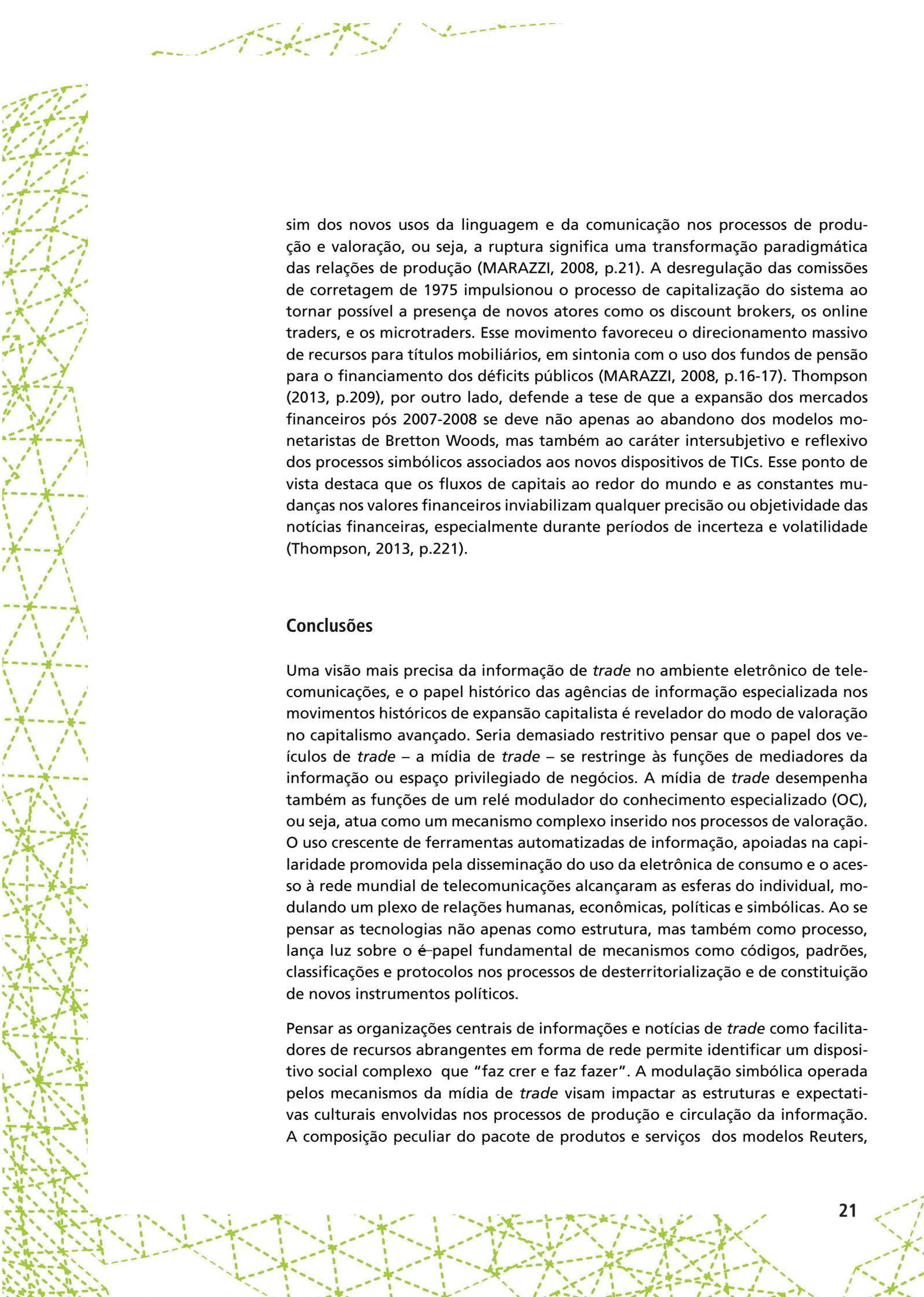
A dimensão do político na economia da informação de trade: as estratégias de convergência, abrangência e capilaridade.

As redefinições das relações indústria/mercado demonstram a especificidade das transformações no segmento de agências de informação e notícias financeiras e dos veículos de *trade* (a mídia de *trade*). O Relatório Anual da Thomson Reuters em 2013 anunciava uma reestruturação radical do antigo modelo organizacional baseado em divisões de Informação, Transação e Mídia (PALMER et al, 1998, p.69), movimento qualificado como “estratégico” pela empresa. No novo modelo a empresa atuaria através de quatro “unidades de negócios”: (i) Financeiro e Risco; (ii) Legal; (iii) Impostos e Contabilidade; e (iv) Propriedade Intelectual e Ciência (THOMSON REUTERS, 2014, p.3). Nesse novo arranjo, a tradicional Agência de Notícias Reuters passava a ser listada no núcleo corporativo designado como “Corporate and Others”. Já em 2015, a Thomson Reuters Corporation divulgou um novo modelo de “produtos e serviços”, com a recombinação dos mercados de informação, qual seja: (i) Financeiro; (ii) Governança, Risco e Conformidade (*Compliance*); (iii) Propriedade Intelectual; (iv) Legal; (v) Agência de Notícias Reuters; (vi) Ciências da Vida e Farmacológicas; (vii) Pesquisa Científica e Acadêmica; (viii) Impostos & Contabilidade. A maior receita anual 2013/2014 resultou dos produtos e serviços financeiros: Financeiro & Risco (US\$ 6,5 B); Legal (US\$ 3,4 B); Impostos & Contabilidade (US\$ 1,4 B); Propriedade Intelectual e Ciência (US\$ 1 B).



A redefinição dos mercados põe em evidência as políticas da mídia de *trade* que agrupam funções antes separadas em firmas especializadas. Para entender as transformações nas formas de mediação tecnológica em um ambiente que tende à singularidade cultural, com capilaridade mundial das telecomunicações aparelhada pela eletrônica de consumo, Bowker (2010, p. 106) aponta a necessidade de novos alinhamentos, costuras e arbitragens teóricas. O termo “mediação” se mostra apropriadamente ambíguo, neste caso, no sentido de sugerir a multiplicidade de dimensões e interfaces possíveis. Por isso, se torna necessária uma categoria ampla que inclua infraestrutura e “construção de processos” envolvendo o agrupamento de comunidades e de sistemas (Bowker, 2010, p. 99-100). A categoria “recursos abrangentes de facilitação em forma de rede” (*pervasive enabling resources in network form*), como define Bowker (2010, p.98), é útil para entender a complexidade dos produtos/serviços combinados pelas organizações que operam a informação de *trade*. Essa abordagem estende a compreensão das TICs além de “fios e tubos”, para incluir tecnologias, práticas e discursos que tornam possível “o trabalho do conhecimento” para decisões de *trade*. Essa ótica permite a visão das organizações atuando como “processadores de informação”, difusa e móvel, onde “pessoas, rotinas e sistemas de classificação são tão essenciais como a computação, os cabos de ethernet e os protocolos web” (BOWKER, 2010, p.103). A expansão dos pontos de acesso à Internet e a capilarização da infraestrutura global de informação “estão alcançando as esferas do individual e do comunitário, assim como as estruturas e expectativas culturais” BOWKER (2010, p.105-106).

Como explica Baldi (2014, p.81), o valor no biocapitalismo contemporâneo produz-se através das relações sociais e da acumulação destas mesmas relações, e “tratando-se de um valor baseado em habitus, se fundamenta nas preocupações, nas competências e nos desejos individuais, dos quais estas mesmas práticas relacionais são causa e efeito, torna-se necessário arranjar uma técnica para sua captação, organização e medição”. Pasquinelli (2013, p. 5-9) explica como a “informação valorizante é aquela que entra na máquina cibernética e é transformada em uma espécie de conhecimento maquínico”. No âmbito das novas tecnologias, a informação valorizante transforma bits em parâmetros para a planificação econômica e opera a interface entre o domínio do conhecimento e o do capital. A crítica radical das teorias liberais da “economia do conhecimento” se fez necessária no momento em que a economia incorporou como matéria-prima conhecimento, informação e cultura (FUMAGALLI; LUCARELLI, 2011, p.89). Nesse sentido, a financeirização pode ser vista como um tipo de controle social, onde “com a impossibilidade de se construir modos de regulação estáveis, foca-se imediatamente em comando e poder” (FUMAGALLI; LUCARELLI, 2011, p.95). Fumagalli; Lucarelli (2011, p.88) defendem que as principais transformações do capitalismo avançado concernem, sobretudo, a duas esferas: (i) do papel atribuído ao conhecimento e o paradigma tecnológico; (ii) dos processos de valoração e da centralidade do financeiro. Segundo a teoria linguística da economia de Marazzi, a “ruptura” em relação ao modelo fordista não decorre das transformações tecnológicas, mas

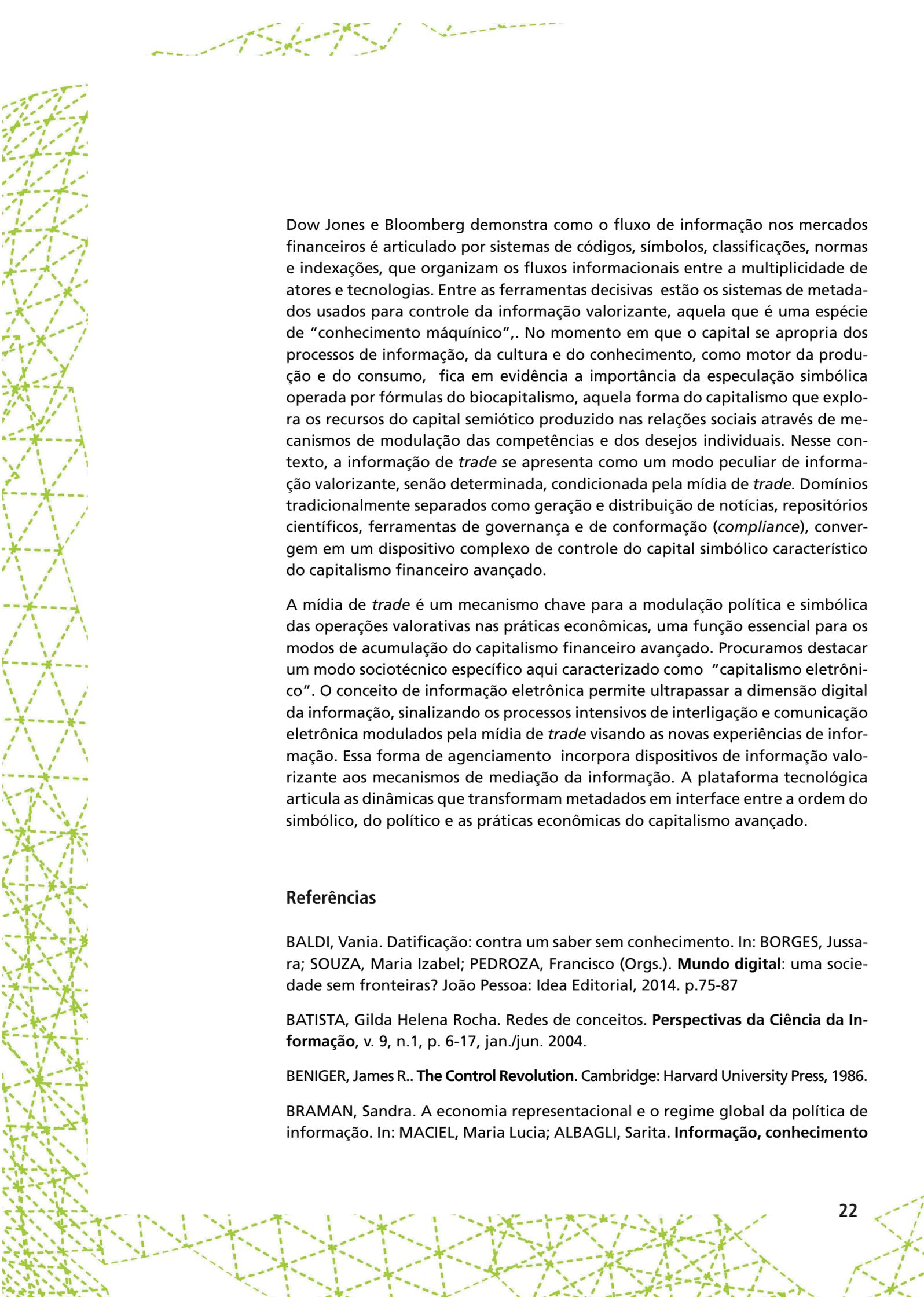


sim dos novos usos da linguagem e da comunicação nos processos de produção e valoração, ou seja, a ruptura significa uma transformação paradigmática das relações de produção (MARAZZI, 2008, p.21). A desregulação das comissões de corretagem de 1975 impulsionou o processo de capitalização do sistema ao tornar possível a presença de novos atores como os discount brokers, os online traders, e os microtraders. Esse movimento favoreceu o direcionamento massivo de recursos para títulos mobiliários, em sintonia com o uso dos fundos de pensão para o financiamento dos déficits públicos (MARAZZI, 2008, p.16-17). Thompson (2013, p.209), por outro lado, defende a tese de que a expansão dos mercados financeiros pós 2007-2008 se deve não apenas ao abandono dos modelos monetaristas de Bretton Woods, mas também ao caráter intersubjetivo e reflexivo dos processos simbólicos associados aos novos dispositivos de TICs. Esse ponto de vista destaca que os fluxos de capitais ao redor do mundo e as constantes mudanças nos valores financeiros inviabilizam qualquer precisão ou objetividade das notícias financeiras, especialmente durante períodos de incerteza e volatilidade (Thompson, 2013, p.221).

Conclusões

Uma visão mais precisa da informação de *trade* no ambiente eletrônico de telecomunicações, e o papel histórico das agências de informação especializada nos movimentos históricos de expansão capitalista é revelador do modo de valoração no capitalismo avançado. Seria demasiado restritivo pensar que o papel dos veículos de *trade* – a mídia de *trade* – se restringe às funções de mediadores da informação ou espaço privilegiado de negócios. A mídia de *trade* desempenha também as funções de um relé modulador do conhecimento especializado (OC), ou seja, atua como um mecanismo complexo inserido nos processos de valoração. O uso crescente de ferramentas automatizadas de informação, apoiadas na capilaridade promovida pela disseminação do uso da eletrônica de consumo e o acesso à rede mundial de telecomunicações alcançaram as esferas do individual, modulando um plexo de relações humanas, econômicas, políticas e simbólicas. Ao se pensar as tecnologias não apenas como estrutura, mas também como processo, lança luz sobre o papel fundamental de mecanismos como códigos, padrões, classificações e protocolos nos processos de desterritorialização e de constituição de novos instrumentos políticos.

Pensar as organizações centrais de informações e notícias de *trade* como facilitadores de recursos abrangentes em forma de rede permite identificar um dispositivo social complexo que “faz crer e faz fazer”. A modulação simbólica operada pelos mecanismos da mídia de *trade* visam impactar as estruturas e expectativas culturais envolvidas nos processos de produção e circulação da informação. A composição peculiar do pacote de produtos e serviços dos modelos Reuters,



Dow Jones e Bloomberg demonstra como o fluxo de informação nos mercados financeiros é articulado por sistemas de códigos, símbolos, classificações, normas e indexações, que organizam os fluxos informacionais entre a multiplicidade de atores e tecnologias. Entre as ferramentas decisivas estão os sistemas de metadados usados para controle da informação valorizante, aquela que é uma espécie de “conhecimento máquinico”. No momento em que o capital se apropria dos processos de informação, da cultura e do conhecimento, como motor da produção e do consumo, fica em evidência a importância da especulação simbólica operada por fórmulas do biocapitalismo, aquela forma do capitalismo que explora os recursos do capital semiótico produzido nas relações sociais através de mecanismos de modulação das competências e dos desejos individuais. Nesse contexto, a informação de *trade* se apresenta como um modo peculiar de informação valorizante, senão determinada, condicionada pela mídia de *trade*. Domínios tradicionalmente separados como geração e distribuição de notícias, repositórios científicos, ferramentas de governança e de conformação (*compliance*), convergem em um dispositivo complexo de controle do capital simbólico característico do capitalismo financeiro avançado.

A mídia de *trade* é um mecanismo chave para a modulação política e simbólica das operações valorativas nas práticas econômicas, uma função essencial para os modos de acumulação do capitalismo financeiro avançado. Procuramos destacar um modo sociotécnico específico aqui caracterizado como “capitalismo eletrônico”. O conceito de informação eletrônica permite ultrapassar a dimensão digital da informação, sinalizando os processos intensivos de interligação e comunicação eletrônica modulados pela mídia de *trade* visando as novas experiências de informação. Essa forma de agenciamento incorpora dispositivos de informação valorizante aos mecanismos de mediação da informação. A plataforma tecnológica articula as dinâmicas que transformam metadados em interface entre a ordem do simbólico, do político e as práticas econômicas do capitalismo avançado.

Referências

BALDI, Vania. Datificação: contra um saber sem conhecimento. In: BORGES, Jussara; SOUZA, Maria Izabel; PEDROZA, Francisco (Orgs.). **Mundo digital: uma sociedade sem fronteiras?** João Pessoa: Idea Editorial, 2014. p.75-87

BATISTA, Gilda Helena Rocha. Redes de conceitos. **Perspectivas da Ciência da Informação**, v. 9, n.1, p. 6-17, jan./jun. 2004.

BENIGER, James R.. **The Control Revolution**. Cambridge: Harvard University Press, 1986.

BRAMAN, Sandra. A economia representacional e o regime global da política de informação. In: MACIEL, Maria Lucia; ALBAGLI, Sarita. **Informação, conhecimento**

e poder: mudança tecnológica e inovação social. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p.41-66.

_____. **Change of state:** Information, policy, and power. Cambridge: MIT Press, 2006.

_____. **The Emergent Global Information Policy Regime.** New York: Palgrave Macmillan, 2004.

BOYD-BARRETT, Oliver. News agencies majors: ownership, control and influence reevaluated. **Journal of Global Mass Communication**, v.1, n.1/2, p.57-70. Winter/Spring, 2008.

_____; RANTANEN, Terhi. **The globalization of news.** Londres: Sage Publications, 1998.

BOWKER, G. Towards Infrastructure Studies. In: HUNSINGER, J. et al. (eds.), **International Handbook of Internet Research**, Springer Science+Business Media B.V. 2010.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for Information Science** (1986-1998), v. 42, n. 5, June 1991.

CAPURRO, R.; HJORLAND, B. O conceito de informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 1, jan./abr. 2007.

DELEUZE, Gilles. ¿Que es un dispositivo? In: DELEUZE, G. et al. **Michel Foucault Filósofo.** Gedisa Ed., 1990. p.155-190

DOWNES, John; GOODMAN, Jordan Elliott. **Dicionário de termos financeiros e de investimento** (tradução de Ana Rocha Tradutores Associados). São Paulo: Nobel, 1993.

FORBES. The World Biggest Stock Exchanges. Disponível em: <<http://www.forbes.com/pictures/eddk45iglh/the-worlds-biggest-stock-exchanges/>> Acesso em: 10 ago. 2014.

FT (2014). Disponível em:< <http://www.ft.com/intl/cms/s/0/3ce1c402-f0ea-11e3-9e26-00144feabdc0.html?siteedition=intl#axzz3ODh43VF5>> Acesso em: 11 jun. 2014.

FUMAGALLI, Andrea; LUCARELLI, Stefano. Valorization and financialization in cognitive biocapitalism. **Investment Management and Financial Innovations**, v. 8, v.1, p. 88-103, 2011.

FUNDING UNIVERSE. International directory of company histories, [s.l.] St. James Press, v.47. 2002. Disponível em: <<http://www.fundinguniverse.com/company-histories/dow-jones-company-inc-history/>>. Acesso em: 26 ago. 2014.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Regime de informação: construção de um conceito. **Informação e Sociedade**, v. 22, n. 3, p. 43-60, 2012.



GUIBERT, Bernard; LAGANIER, Jean; VOLLE, Michel. An essay on industrial classifications. *Économie et Statistique*, n. 20, Fev. 1971. Disponível em: <<http://www.volle.com/english/articles/classifications.htm>>. Acesso em: 3 nov. 2014.

LIND, Jonas. Ubiquitous Convergence: market redefinitions generated by technological change and the Industry Life Cycle. In: **DRUID Academy Winter 2005 Conference**, janeiro 27-29, 2005.

LAMBE, Patrick. From Cataloger to designers: Paul Otlet, Social Impact and More Proactive Roles for Knowledge Organization Professionals. *Knowledge Organization* 42(2015) n.6, 2015.

MARAZZI, Christian. **Capital and language**: from the new economy to the war economy (tradução de Gregory Conti). Los Angeles: Semiotext(e), 2008.

MCCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald. The agenda-setting function of mass media. *The Public Opinion Quarterly*, v. 36, n. 2, p. 176-187, verão 1972.

NABARRO, Wagner. A Bloomberg e os círculos da informação financeira no território brasileiro. (Monografia) Campinas, 2013.

NOBLE, Josh. MSCI leaves Chinese stocks out of indices. *Financial Times*. Disponível em <<http://www.ft.com/intl/cms/s/0/3ce1c402-f0ea-11e3-9e26-00144feabdc0.html?siteedition=intl#axzz3ODh43VF5>>. Acesso em: 11 jun. 2014.

PALMER, Michael; BOYD-BARRETT, Oliver; RANTANEN, Tieri. Global financial news. In: BOYD-BARRETT, Oliver; RANTANEN, Terhi. **The globalization of news**. Londres: Sage Publications, 1998. p. 61-78.

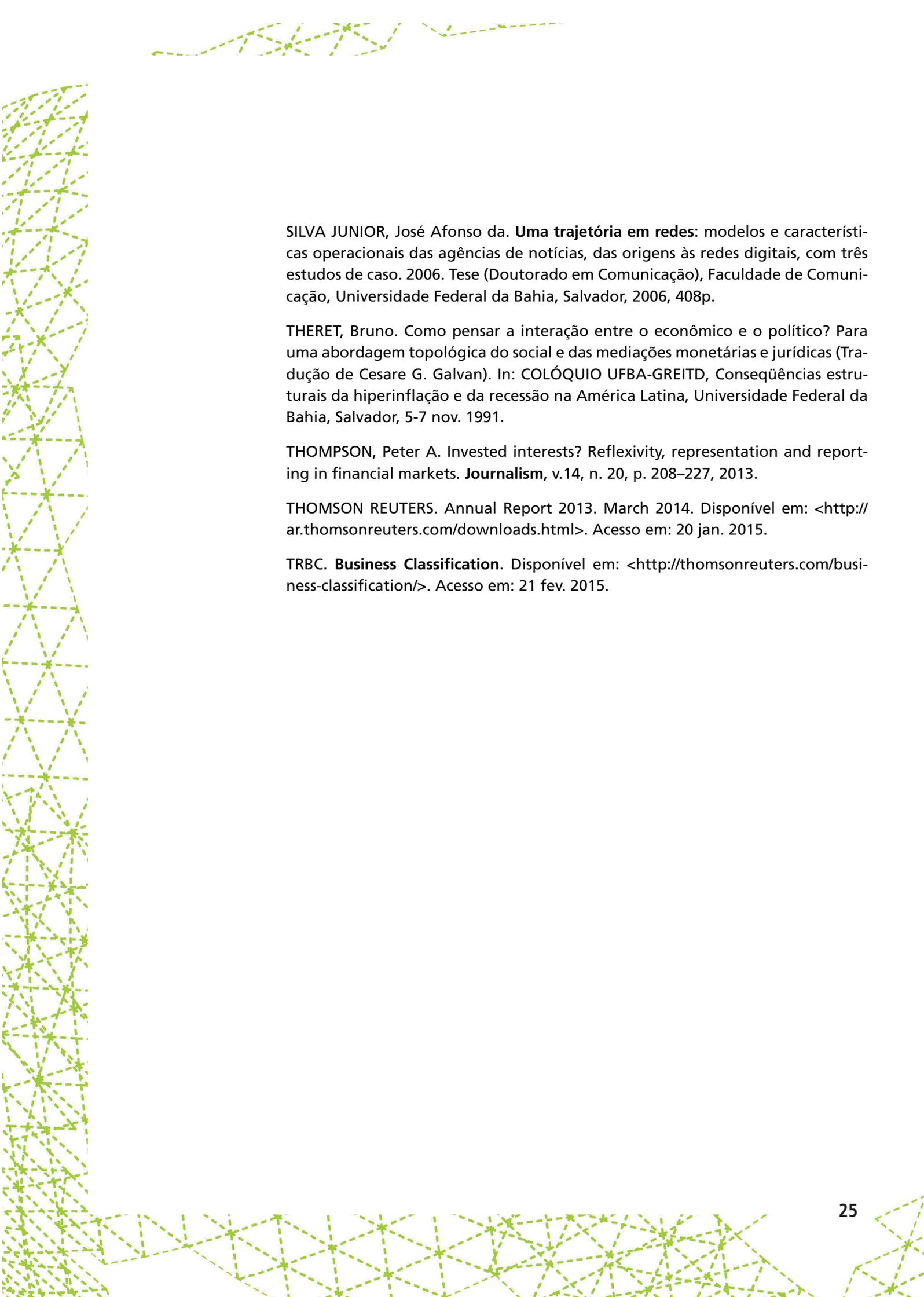
PASQUINELLI, Matteo. Capitalismo maquínico e mais-valia de rede: notas sobre a economia política de Turing. *Uninomad*, n.17. Nov. 2011. Disponível em: <<http://uninomad.org/capitalismo-macchinico/>>. Acesso em: 16 maio 2013.

POMBO, Olga. **Da classificação dos seres à classificação dos saberes**. [S.l.: s.n.]. Disponível em: <<http://cfc.ul.pt/textos/OP%20-%20Da%20Classificacao%20dos%20Seres%20a%20Classificacao%20dos%20Saberes.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

POSTER, Mark. **Foucault, Marxism and History**: Mode of Production Versus Mode of Information. Polity Press, 1985.

READ, Donald. **The power of news**: the history of Reuters. Oxford: Oxford University Press, 1992.

SASSEN, Saskia. Conhecimento político informal e seus efeitos capacitantes: o papel das novas tecnologias. In: MACIEL, Maria Lúcia; ALBAGLI, Sarita (orgs.). **Informação Conhecimento e Poder**: Mudança tecnológica e inovação social. Rio de Janeiro: Garamont, 2011.



SILVA JUNIOR, José Afonso da. **Uma trajetória em redes**: modelos e características operacionais das agências de notícias, das origens às redes digitais, com três estudos de caso. 2006. Tese (Doutorado em Comunicação), Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2006, 408p.

THERET, Bruno. Como pensar a interação entre o econômico e o político? Para uma abordagem topológica do social e das mediações monetárias e jurídicas (Tradução de Cesare G. Galvan). In: COLÓQUIO UFBA-GREITD, Conseqüências estruturais da hiperinflação e da recessão na América Latina, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 5-7 nov. 1991.

THOMPSON, Peter A. Invested interests? Reflexivity, representation and reporting in financial markets. **Journalism**, v.14, n. 20, p. 208–227, 2013.

THOMSON REUTERS. Annual Report 2013. March 2014. Disponível em: <<http://ar.thomsonreuters.com/downloads.html>>. Acesso em: 20 jan. 2015.

TRBC. **Business Classification**. Disponível em: <<http://thomsonreuters.com/business-classification/>>. Acesso em: 21 fev. 2015.